

Redacção e administração  
R. de S. Martinho

Aveiro

# POVO DE AVEIRO

SEMANTARIO REPUBLICANO

Officina de impressão  
R. de S. Martinho, AVEIRO

EDITOR, João Pinto Evangelista

Numero 152

Assignaturas

AVEIRO—Um anno, 1\$200 réis. Semestre, 600. Fora de Aveiro, um anno 1\$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2\$500. Semestre, 1\$500 réis (fortes).

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações

No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato. Os srs. assignantes teem desconto de 30 por cento.

NUMERO AVULSO, 30 REIS

3.º Anno

## A QUESTÃO CLERICAL

Ficámos no ponto em que a rainha foi procurar um filho ás aguas de Bath, visitando no caminho o Santo Humifredo, que passava por milagroso com todas as mulheres.

Será bom, antes de chegarmos ao fim d'essa historia, expôr a traços largos a situação politica do paiz em conjectura tão solemne, como diria o nosso Cabecinha.

A primeira coisa que tentaram os catholicos foi apoderar-se da direcção da instrucção nacional. Em Inglaterra como em toda a parte. Reparem os leitores! O seu primeiro e principal objectivo é sempre o eusino, a direcção suprema e absoluta das escolas. Não contentes, diz Carrel, que vamos seguindo, como já dissemos, de terem fundado collegios onde a mocidade catholica podia ser educada ao abrigo das leis do paiz, quizeram invadir as proprias universidades protestantes. N'um primeiro ataque á de Cambridge foram repellidos; mas, sem desanimarem, como de costume, penetraram na de Oxford, depois de um longo combate. Tendo vagado o lugar de reitor d'essa universidade, o rei quiz coagir os professores a elegerem um tal Farmer, recentemente convertido ao catholicismo, um d'esses mariolas que graduam pelas suas conveniencias as suas convicções. Os professores resistiram uma e duas vezes. Por fim, foram vencidos.

Esta questão produzia um grande ruido quando os inglezes, emigrados na Hollanda, interceptavam algumas das cartas dirigidas pelos jesuitas de Liege aos jesuitas de Friburgo. N'essas cartas falavam os padres com entusiasmo dos progressos da religião e dos esforços feitos pela sociedade de Jesus para arrebatar a educação aos hereticos. «Pouco a pouco, diziam, ganhamos terreno na Inglaterra; ensinamos humanidades em Lincoln, Norwich e York e temos em Worcester uma capella publica que é protegida por uma guarda militar. São os padres da nossa sociedade os prégadores da casa real e das principaes egrejas, onde atrahem um prodigioso concurso de fies. Vamos comprar casas em Wiggau, cidade da provincia de Lancaster, e já comprámos algumas em Savoia por 18:000 florins, a fim de fundarmos um collegio.»

Falando de Jacques II, referiam as mesmas cartas que o rei tinha sido admittido a participar dos meritos da sociedade de Jesus e que manifestava uma grande alegria por se ter filiado n'ella; que declarava que os interesses da ordem eram os seus; que preferia morrer martyr a deixar de acabar em vida a conversão dos seus reinos; que, uma vez, tendo um dos jesuitas ajoelhado deante d'elle, elle o levantou dizendo que era o padre que devia receber essa homenagem do rei e não o rei que a devia receber do padre.

A authenticidade d'estas cartas era garantida pelas minuciosidades em que entravam sobre tentativas de factos que se seguiram. Anunciavam, por exemplo, a elevação do padre Piter á di-

gnidade de cardeal e a sua proxima entrada no conselho privado; a substituição do padre capuchinho Mausuel, confessor do rei, pelo padre Warner, jesuita, factos que assumiam grande importancia nos planos dos catholicos. As cartas citavam ainda uma palavra do rei allusiva ao grande objectivo de Roma. Tendo-se lamentado deante d'elle que o herdeiro da corôa fosse um heretico, o rei respondeu: «Deus me dará outro.»

Apezar de todas as tentativas para levar o paiz a aceitar a tal liberdade de cultos, porque os jesuitas se haviam apaixonado á ultima hora, o parlamento permanecia teimoso em manter o que estava. Hesitava-se em o dissolver, porque sendo um parlamento obtido á custa de todas as violencias e fraudes, não era provavel que viesse outro melhor. As nossas eleições poderiam levar á cairna peor gente.

Warner, o novo confessor do rei, era um homem habil e energico. O rei ficou em pouco tempo absolutamente nas mãos d'elle e do celebre padre Piter, do seu conselho privado.

O parlamento foi dissolvido, emfim. Os trabalhos para um accordo entre catholicos e seitas protestantes dissidentes continuavam. Queriam vêr se d'esse modo poderiam reunir um parlamento que lhes conviesse.

O nuncio de Adda foi recebido publicamente em Windsor. O seu cortejo, composto de padres catholicos e de religiosos estrangeiros, atravessou sem fausto as ruas de Londres. Levantaram-se novas tropas, repararam-se as fortificações de varias praças fortes e armaram-se com novo armamento varios portos. Desenvolvia-se uma extraordinaria actividade nos preparativos da grande batalha.

Nas viagens para as taes aguas, que haviam de encher a barriga á rainha, o rei demorava-se por toda a parte. Atravessava lentamente o paiz que serviu de theatro á insurreição do duque de Monmouth e á campanha de Jeffries, onde os inimigos da facção religiosa e politica que dominava tinham, por consequente, soffrido mais com a tyrannia. As autoridades esforçavam-se por preparar uma recepção brilhante. Os discursos e cumprimentos cruzavam-se de todos os lados, affirmando a dedicação dos povos. O rei respondia com promessas de liberdade, não perdendo occasião de combater os privilegios, concedidos á egreja anglicana. A nobreza e a rica burguezia ficavam desconfiadas com tanto liberalismo da parte do rei. Mas o povo, sempre ingenuo, ouvia com agrado as promessas reaes e chegava a dar vivas ao tyranno.

Parecia que a corôa estava mais segura do que nunca. Pois estava tão abalada que rolou na lama em pouco tempo.

Em Chester, lord Tyrconnel, governador da Irlanda, veio receber as ordens do rei. O rei acolheu-o com effusão e prometteu a libertação, para breve, da Irlanda catholica.

Em Oxford, incitou os professores da Universidade a cumprir rigorosamente as suas ordens. Como elles se mostrassem dispo-

tos a resistir, substituiu-os por jesuitas.

A 16 de Outubro chegou a Londres com a rainha, de regresso das aguas milagrosas. E annunciou-se ao mundo que o milagre estava feito.

A rainha vinha grávida e ia dar ao throno um novo successor.

Veremos no proximo artigo o que se seguiu.

Os homens illustres do districto de Aveiro apreciaram sempre devidamente o bom e o mau. Quando o sr. Homem Christo applicou no Joaquim de Mello Freitas a famosa trépa que o deixou a *escorrer sangue*, no dizer do Carranca, a famosa trépa que deu em resultado a covardissima aggressão ao nosso amigo Manuel Christo, Alexandre da Conceição, quasi nosso patricio porque era d'Ihavo, Alexandre da Conceição, um verdadeiro talento, escreveu ao sr. Homem Christo este bilhete:

«Permitta-me que, apezar de não ter o gosto de o conhecer pessoalmente, mas apenas pela honrada tradição do seu nome, o abraço com entusiasmo pela sua brilhante réplica ás insidias d'uns sujeitos, que dizendo-se republicanos, não teem pejo de votar a favor dos candidatos monarchicos e defendem a torpissima theoria de que um empregado publico é um servo adstricto á gleba do ordenado, com restricta obrigação de applaudir todas as infamias governativas. Felicito-o com effusão pela sua briosa defesa dos bons principios.»

Esta apreciação sempre vale mais que a do Cabecinha, ou que a do Ricardo, ou que a de todos os Ricardos havidos ou por haver, não é verdade?

Um anno depois, em 5 de abril de 1885, escrevia ainda Alexandre da Conceição para o director d'este periodico:

«São notavelmente bem escriptos, cheios de bom senso, de seriedade e de dignidade politica, os ultimos tres artigos de fundo do seu jornal O Povo de Aveiro.

Não sei quem seja o auctor dos artigos, mas está alli um escriptor e uma consciencia recta e esclarecida de democrata.»

Isso era para Alexandre da Conceição, tão isempto de parcialidade que nem sabia quem era o auctor dos artigos.

Para as cavalgadas dos balções a gloria d'Aveiro é o Calino que dá pelo nome de Joaquim de Mello Freitas.

E o Cabecinha tambem!

Sábia gente!

Honrada gente!

Por absoluta falta de espaço retiramos hoje varios artigos que tinhamos para publicar, e entre elles alguns annuncios, de que pedimos desculpa aos srs. annunciantes.

## O SR. LIMA

E' necessario, repetimos, separar os interesses da cidade dos interesses d'um bando. E' indispensavel que as classes populares, intelligentes como são, não admittam de fórma nenhuma a tutela dos Ricardos, dos Picados, dos Meirelles, de toda essa cambada de brutos que predominam na chafarica que pomposamente se denomina Associação Commercial.

Admitti-la, admittir só a hypothese de que ella possa existir, é, além d'um perigo, uma verdadeira ignominia.

Um perigo, porque essas cavalgadas compromettem gravemente os interesses da cidade. Uma ignominia, porque um povo que se preza não tolera Ricardos, Picados, Meirelles e quejandos a mandar. Uns animaesinhos, para os quaes a unica recommendação e o unico valor é o dinheiro.

Em Aveiro não ha homens ricos. Mas os que teem meia duzia de vintens já olham desdenhosamente para os outros. Ha excepções, que todos nós conhecemos e a quem todos prestamos homenagem. A regra geral, porém, é essa. E contra essa tendencia se deve revoltar todo aquelle que preza a sua dignidade, todo aquelle que tem altivez de homem.

O Ricardo feito mandão em Aveiro! O Ricardo, o Meirelles, o Picado! Pois isto pôde lá ser? Podemos nós admittir uma affronta de tal natureza? Com elementos de tal ordem, que são os seus elementos dominantes, o que significa, o que representa, o que vale, essa chafarica que se enfeita com o nome de Associação Commercial?

Ai de nós, se abdicássemos nas mãos d'essas grandissimas cavalgadas.

E isto não é dizer por dizer. Nós não soltamos palavras banaes. Não está isso no nosso feitio. Nós falamos com factos, com argumentos, com razões. Já vimos no numero anterior como o sr. Jayme de Magalhães Lima é um perigo enorme para a cidade.

Já vimos como esse cidadão era hypocrita com os seus decantados zelos pelo regimento de cavallaria. Vimos o Cabecinha na mesma esteira achincalhando e insultando a tropa. Sim. Este mariola não pedia uma reforma no exercito. Não estudava esta instituição pelo seu lado mau, que é o despotismo que a condemna no seio das sociedades modernas, despotismo impondo uma remodelação em sentido democratico, que todos os espiritos progressivos e cultos defendem e reclamam. Nada d'isso. Nem elle, o pelintra idiota que está dando barrigadas de riso aos leitores d'este periodico, saberia dizer coisa alguma a tal respeito. Não.

O mariola não discutia, não examinava os inconvenientes da instituição militar tal qual ella se acha organizada entre nós. O mariola, um grande imbecil sem deixar de ser um biltre muito atrevido ao mesmo tempo, limitava-se a insultar o exercito e os seus officiaes. O pulhata!

Em 22 de dezembro de 1901 lamentava uma familia que se retirava, escrupulosa sempre na

sua honra e no seu brio de soldados. Carpia lastimas sobre o regimento de cavallaria 7 porque foi «uma collectividade que sempre se portou bem em Aveiro e n'isso está uma razão das nossas affeições e tambem agora das nossas saudades.»

Dois annos antes, em 12 de novembro de 1899, chamava tropa fandanga á tal familia sempre escrupulosa na sua honra e nos seus brios de soldados, e a collectividade que sempre se portou bem em Aveiro era commandada por macacos fardados que faziam luzir para as namoradas os seus galões dourados. E n'isso estava uma razão das suas affeições de sempre e das suas saudades da ultima hora!

Digam-nos: já viram pulha igual?

Digam!

Mas o pulha abjecto não fez mais do que seguir as pisadas do seu amo e senhor, o morgado do Carmo, que só tinha palavras de desdem para o regimento, em março de 1886. Mas o pulha é o elemento vingador dos francacoos. Mas o pulha vae lêr os seus artigos, antes de os publicar, ao cidadão Jayme de Magalhães Lima. Mas o pulha recebe sancção da Camara do Commercio. Mas o pulha é o porta voz de Domingos Leite, de Jayminho Duarte Silva, de Ricardo Pereira Campos, de Reles de Meirelles, de Picado e tantos outros, que choraram lagrimas de crocodilo sobre a sahida do regimento de cavallaria.

Todos pensam como, em 1884, pensava o patrão! Nem elles são capazes de pensar de maneira diferente.

Pois uns petulantes de tal ordem, refalsados hypocritas na questão do regimento como estamos provando, refalsados hypocritas em tudo, como havemos de vêr, teem o atrevimento de querer dar leis á cidade?

E o povo ha de supporta-los?

Só se a população de Aveiro endoideceu.

Sim; sim; só se endoideceu!

Nenhum d'esses homens é sincero, nunca o foi, como, repetimos, havemos de mostrar, nenhum d'esses homens é intelligente e todos elles estão presos aos compromissos tomados por Jayme de Magalhães Lima.

Ora Jayme de Magalhães Lima é partidario da suppressão do districto de Aveiro. Para elle não deve existir este districto porque o concelho da Mealhada (textual) termina a dois passos de Coimbra e Espinho é de Aveiro e parece um bairro do Porto.

Textual! Eram as palavras do patrão no artigo da Provincia.

Mas sendo Jayme de Magalhães Lima partidario da suppressão do districto de Aveiro, João Franco, patrão mór, tambem o é. Jayme de Magalhães Lima não propunha na Provincia a suppressão do districto. Conformava-se com ella. Se a augustissima situação do thesouro portuguez o exigisse, elle, como bom patriota, aceitava o remedio. De maneira que João Franco, que é partidario da suppressão dos concelhos como é partidario da suppressão dos districtos, supprime amanhã o districto de Aveiro, como supprimiu o concelho d'Ihavo e outros, e elle, Jayme, conforma-se.

Se disser alguma coisa, João Franco responde-lhe:

«Não aventou você a idéa da suppressão do districto quando ninguém pensava em tal? Não foi você o primeiro a dizer que o districto de Aveiro não tinha razão de ser porque o concelho da Mealhada termina a dois passos de Coimbra e Espinho é de Aveiro e parece um bairro do Porto? Então tenha paciência. As circumstancias do thesouro assim o exigem.»

E a verdade é que João Franco é logico e que Jayme de Magalhães Lima se ha de calar para ser logico tambem.

Juntem a isso a habilidade com que todas as cavalgaduras, que fazem grupo na loja do Ricardo e outros, afugentam sympathias de Aveiro e digam-nos se não é certo que ha o maior perigo em deixar predomina'r gentinha de tal ordem.

Já Carranca dizia, na carta dirigida ao sr. Homem Christo e a que em outro logar nos referimos, que a maioria d'estas cavalgaduras é predominar na politica do districto, desdenhando dos homens que nos outros concelhos se sacrificam e trabalham.

De maneira que nada mais facil que elles levarem amanhã a Mealhada a excluir, repetindo as proprias palavras do patrão: «Estou a dois passos de Coimbra e Espinho a dizer: «Sou um bairro do Porto.» Basta que lhes façam metado do que fizeram aos d'Agueda. E, então, adeus districto.

Elles declaram, por um lado, que tanto lhes importa que haja em Aveiro regimento, como que não haja. Elles insultam a tropa pelo outro, embora apregoando san lades por ella. Elles dizem que está ou não está a barra em boas condições e indifferente para a cidade. Elles, sem ninguém os chamar para tal campo, apregoam que o districto d'Aveiro não tem razão de existir.

Onde nós levarão, se não nos apressarmos a enxotá-los? Jayme de Magalhães Lima é uma verdadeira mediocridade, como iremos vendo. Os que o cercam são peiores ainda. Não habilitados são, como era Manuel Firmião. Manuel Firmião não tinha talento, mas era um habilitado de primeira ordem. Estes não são. O unico nome que lhes qualra é o de cavalgaduras.

Reaccionarios, imbecis, alarves, é preciso que Aveiro tenha endoilecido para os não correr a a todos a pontapés. Já não são somente motivos d'outra moral que impõem a cidade o rigoroso dever de enxotar essas animaes. São motivos de ordem moral, de ordem intellectual e de ordem material.

Pelo lado moral, Aveiro, a terra de José Estevão, enche-se de vergonha supportando o jugo de um reaccionario como Jayme de Magalhães Lima. Nós vemos as opiniões d'este senhor em politica e em religião. Havemos de pôr tudo a limpo. Pelo lado intellectual, seria a ultima das degradações que as classes trabalhadoras aveirenses, consideradas até hoje no paiz como sendo das mais intelligentes, recebessem palavra d'ordem da loja do Ricardo e do Reles de Muelles. Ou mesmo da Camara do Commercio. Ou mesmo do patrão do Carmo, o dono do cretino que se chama Cabecinha.

Pelo lado material, Aveiro suicidar-se-hia, nada mais, se quanto antes não pozesse á margem a choldra do Carranca.

Nunca! Nunca!

Nunca a cidade de Aveiro, a nossa terra, ha de ser subjugada por uns reaccionarios que lhe envergonham as suas tradições, por uns imbecis que affrontam, com a sua imbecilidade, todos quantos se prezam de possuir dois dedos d'intelligencia, por umas cavalgaduras que a cada instante a compromettem, que a cada passo a prejudicam, porque além de não terem capacidade, nem energia, nem caracter para n'um momento de perigo a defen-

derem, ainda a põem, voluntariamente, em grave risco, tratando a gente do districto aos coices, como affirmava o Carranca, como se viu com os de Agueda, e expellindo da bocca baboseiras como essas do morgado do Carmo na Provincia.

Nunca! Nunca!

Sejam lacaios do patrão.

Mas o patrão que se contente com isso e elles que se limitem a isso.

E é tudo.

Continuaremos, que temos ainda muito que ver e que dizer.

**PULHAS**

O sr. dr. Alvaro de Moura dignou-se corresponder ao nosso appello, como se verá dos documentos que adeante publicamos.

Agradecemos.

El seja-nos permitido agora pôr em evidencia toda a velhacaria do procedimento dos homens da «Vitalidade», e, em especial, do sr. padre Vieira.

Ao contrario do que se apregoa, riuamente se provoca alguém no «Povo de Aveiro». Nós não provocamos; combatemos. Por isso mesmo as nossas questões são de principios e nunca de pessoas.

Em 1884 não provocámos Jayme de Magalhães Lima nem Joaquim de Mello Freitas. Este «figurão», depois de se ter confessado republicano, não só não combatendo os republicanos nas eleições d'esse anno como escreveu contra elles, no «Districto de Aveiro», e contra a democracia, as villanias e as baboseiras que já referimos. Como temos a consciencia da nossa dignidade, replicámos-lhe no tom que elle merecia.

Mas a provocação veio d'elle, só d'elle. Antes do famoso artigo do «Districto de Aveiro» tinhamo-nos limitado a esta simples local, inserta no n.º 128 d'este periodico, de 6 de Julho do referido anno:

Em Aveiro ha dois ou tres republicanos de casaca que tem confessado publicamente os seus principios democraticos. Pois ultimamente nem um só d'esses casacos votou nos candidatos republicanos.

Atraz de tempo, tempo vem, altos e poderosos, senhores!

Mais nada. Absolutamente mais nada!

Era a coisa mais inoffensiva, mais anodina d'este mundo. Mas o cretino por excellencia que dá pelo nome de Joaquim de Mello Freitas, não permite a menor irreverencia á sua aristocratica pessoa e tendo a consciencia de que era elle um dos dois casacas sahio-se com as baboseiras, insinuações e injurias de que está recheado o artigo do «Districto» e no qual só deixaria de responder com vigor quem não tivesse noções nenhuma de dignidade.

Foi elle o provocador. Só elle!

Com Jayme de Magalhães Lima a mesma coisa. Aos commentarios, que fizemos ao seu decantado manifesto, commentarios em que não existia uma unica injuria, como se pôde ver, antes n'elles manifestavamos sinceramente o nosso pezar por nos vermos obrigado a dizer-lhe palavras desagradaveis, respondeu o burguez enfiado, costumado a só ver lacaios em volta de si, com a affrontosa ameaça do chicote.

A responsabilidade dos factos, que se seguiram, foi, por

consequente d'elle, exclusivamete d'elle.

A questão, da nossa parte, era meramente uma questão de principios, tanto com Joaquim de Mello Freitas como com Jayme de Magalhães Lima. Elles é que a converteram n'uma questão de pessoas.

Em 1888 atacámos, vivamente, os firmios, ainda por uma questão de principios, a questão das «irmãs da caridade». Outro tanto não fizeram os homens dos balcões, que só se collocaram do nosso lado por rivalidades de mando.

Está ali o sr. Barboza de Magalhães, que é bem mais intelligente e bem menos reaccionario que Jayme de Magalhães Lima. Pois contra elle se voltaram os odios de todos aquelles que hoje o applaudem. Nós combatemo-lo por causa da questão das «irmãs da caridade», sómente, e d'essa questão derivou todo o nosso antagonismo com a gente da Vera-Cruz. Os outros combateram-no por ciúmes da sua intelligencia e da sua influencia. Nada mais. Não viam, como nós, o homem que, com vontade ou sem ella, e não tinha muita, diga-se a verdade, fazia causa comum com os inimigos da liberdade. Viam o homem que valia mais do que elles. Nós atacavamos muito menos Barboza de Magalhães, que era o menos culpado e o mais intelligente, do que Manuel Firmião, que era o responsavel, e Almeida Villena, que era o mais culpado de todos. Elles concentravam contra Barboza de Magalhães o seu odio todo. Sendo elle o mais intelligente, era, por isso mesmo, o mais odiado. Outra razão não havia. Desculpam desonestidades, desculpam falta de escrupulos, desculpam tudo, menos a intelligencia. Quem for intelligente é não for seu lacão, esse é o seu inimigo.

Quanto mais intelligente e menos lacão, mais inimigo. Porque toda a sua questão se reduz em predominar na politica local.

Por isso mesmo os cruéis inimigos de Barboza de Magalhães, quando Barboza de Magalhães estava no campo opposto, desarmam hoje deante de Barboza de Magalhães, porque Barboza de Magalhães já os não prejudica. Nós somos o que eramos. Nós estávamos onde estamos. Elles são tudo e não são nada. Elles estão onde não estavam e estarão onde não estão.

«Carranca» foi republicano. «Carranca» andou connosco contra as «irmãs da caridade». Nós ficámos. «Carranca», como todos, passou a combater aquillo que tinha defendido. Mas provocámos «Carranca»? Não, embora tivéssemos razões para isso. Foi «Carranca», que nos provocou á nós, com a sua conduta affrontosa no julgamento do «Povo de Aveiro».

E assim todos, como, em successivos artigos, iremos provando. Todos, monarchicos e republicanos, ricos e pobres, grandes e pequenos. As nossas questões foram sempre questões de principios. As d'elles foram sempre questões de pessoas. A provocação partiu d'elles, sempre. Nunca partiu de nós. Nós atacámos pessoas por causa de principios. E atacamo-las de frente. Elles atacaram pessoas por causa de pessoas. E atacaram-nas com sub-

terfugios, com sophismas, com chicanas, com infamias, pelas costas. Os principios, para elles, foram sempre o pretexto. Para nós foram sempre a causa.

Não tendo convicções, nunca nos perdoaram a nós que as tivéssemos. Sendo lacaios, nunca se conformaram com o facto de sermos, nós, um homem altivo. Vogando ao sabor dos mais miseraveis interesses, das mais pequeninas vaidades, nunca viram, sem o rancor das almas de lodo, que nós seguissemos, impávido, no rumo d'uma idéa, que tivéssemos a nobre paixão d'essa idéa e o natural e legitimo orgulho da superioridade da nossa conducta.

A ultima canalhice da «Vitalidade» tem a razão das outras todas e ali, ainda como sempre, fomos nós o provocado e não o provocador.

Mal o «Povo de Aveiro» resurgiu quando um mariola de batina nos appareceu, no pasquim, a esgrimir com sandices e injurias. Nem suspeitavamos da existencia d'esse bebedo idiota. Atacavamos a reacção no processo Dreyfus. A reacção em geral. Ao bebedo idiota, que se afundou em dispausterios, e á reacção local de que se arvorou defensor, nem visavamos, nem enxergavamos, sequer, n'esse momento.

Na questão do regimento voltou o pasquim a ensarilhar, mais do que uma vez, com insinuações e insidias manifestas. Avisámos, mansamente. «Não ha intriga, diziamos, no supplemento ao n.º 120 do «Povo de Aveiro», de quinta-feira 28 de novembro, em que estivessemos ou estejamos envolvido, como insinuava ha dias o órgão dos francaceos, ao qual não demos ainda a resposta que merece por uns restos de consideração pessoal. Mas se o redactor d'esse periodico quizer, agora, por espirito de facção, desmentir o conceito que publicamente, por mais do que uma vez, formulou a nosso respeito, te-lha, e na fórma do costume, embora, confessamos, isso nos custe.»

Não era responder bem modestamente a perfidias repetidas?

Padre Vieira replicou em termos correctos, dizendo, n.º 346 da «Vitalidade», de 1 de dezembro, «já temos mostrado não desdenhar da sua consideração (da nossa) e que sabemos fazer-lhe justiça. Mas nem por isso queremos que se constanja a nosso respeito; nem esperamos que o faça, se tiver motivo para nos contrariar.»

Respondemos, 8 de dezembro, que não nos constrangiamos «em coisa alguma tendo pelo redactor da «Vitalidade» a consideração que lhe é devida. Pelo contrario, constrianger-nos-íamos, como já o dissémos, tendo de lhe dizer, se fosse preciso para a nossa defesa, qualquer coisa desagradavel.»

Accrescentavamos que tanto nos convenciamos da sua sinceridade quanto era certo desprezarmos cartas anonymas que a punham em duvida, citando, (textual) as cartas, «palavras e factos capazes de nos irritar.»

Era uma attitude, da nossa parte, bem conciliadora. Não é verdade?

Pois no mesmo dia em que respondíamos ao padre d'essa fórma, 8 de dezembro, volta-a «Vitalidade» a provocar-

nos, em termos irritantes, pedindo as nossas licções, mas declarando que «desprezava as nossas diatribes», em artigo intitulado: «A cavallaria segundo a estratégia.»

O padre quiz fugir ainda, então, á responsabilidade da sua doblez, ao que se deprehende agora, e, por isso, não nos tendo escripto nunca na sua vida, apressou-se n'esse dia a escrever-nos, agradecendo-nos as palavras que lhe tinhamos dirigido e repellindo as accusações das cartas anonymas.

«Rompo com todas as hesitações, para vir significar-lhe o meu reconhecimento e a minha consideração, por motivo das attentões e deferencias que v. se tem dignado ter com a minha humilde pessoa». (Carta de 10 de dezembro findo).

Ao mesmo tempo referia-se ao incidente occorrido dois annos antes, no tal em que o bebedo de batina nos sahio a caminho a proposito da questão Dreyfus, tanto elle, padre Vieira, ficára com a consciencia da sua incorrecção admittindo, na «Vitalidade», um artigo injurioso desde o titulo, escripto por um individuo de cuja existencia nem suspeitavamos e que não era levado a essas injurias, por consequente, por um motivo de defesa, unico que as poderia explicar ou justificar, incorrecção que já tinhamos perdoado ao padre por nos ter parecido, pela sua conducta futura, que teria havido da sua parte mais uma d'aquellas irreflecções ou falta de attenção, que todos nós temos, do que um proposito de velhacaria.

Respondemos a essa carta, de 8 dezembro, em termos, não só delicados como affectuosos, pondo ainda de parte a provocação do «recruta de cavallaria». A este idiota demos-lhe, aqui, a licção que elle pedia, e completa.

Mas que? O proposito deliberado era morder-nos.

Não obstante a licção ser completa, não obstante o «recruta» ter «entupido», o atrevidissimo cretino que baptisámos, condignamente, com o nome de «Cabecinha», voltou ao assumpto com insinuações de garoto e com razões de idiota. Depois de dois artigos onde a questão da transferencia do regimento de cavallaria, sob o ponto de vista strategico, tinha ficado tratada nitidamente, as baboseiras do «Cabecinha», as suas petulancias de garoto, eram d'um tal atrevimento irritante, que ninguém, no nosso caso, deixaria de correr o birbante a pontapés.

Padre Vieira, é claro, acudiu logo com cartinha.

«Devo dizer ao meu amigo, se é que já não lh'o disse, que a «Vitalidade» é propriedade do Accacio». (Carta muito curiosa, como todas, de 31-12-90.)

Aqui desconfiamos e dissémos intimamente: «Este mariola anda a mystificar-nos. Chega-nos lambeta aos beiços, como o dizem os das cartas anonymas, para, impunemente, nos deixar anavallar. Pois é tolo!»

Mas, na duvida, respondemos ainda amigavelmente, dizendo-lhe que não se incomodasse e que deixasse lá o homem, que talvez viesse a arrepender-se. Além d'isso, baboseiras ou simples injurias ser-nos-iam indiffe-

rentes. Limitar-nos iamós, como hoje, a brincar com ellas. Estavamos longe de suppor as referencias infamantes que surgiram. E fomos, contudo, observando ao padre que o jornal, no dizer de toda a gente, não era do Accacio.

Resposta do padre: «A propriedade é do Accacio mas a administração é do typographo.» (Carta de 5-1-902).

Nova observação da nossa parte, cada vez mais desconfiado e já indignado. Nova resposta do padre: «Emquanto a propriedade—o que eu lhe disse é a verdade: a propriedade é do Accacio.» (Carta, sempre curiosa, como todas, de 7-1-902).

Pois bem. Como se vê dos documentos, que se lêem n'outra parte, a propriedade não é do Accacio. O padre mentiu-nos. O padre quiz simplesmente, ludibriar-nos.

Isto vai longo e como teremos de voltar ao assumpto ficamos n'isto:

Nunca, ou raramente, partiu d'aqui a provocação. Fomos sempre, ou quasi sempre, nós o provocado.

Nunca as nossas questões foram questões de pessoas, mas de principios.

Nunca atacámos pessoas por rivalidade de mando, por inveja de supremacias, ou valimentos, mas por amor d'uma idéa, do paiz em geral, e de Aveiro em particular.

Nunca deixámos de defender a honra e o bem da nossa terra, sem mira em recompensas, em sympathias, em interesses legítimos ou illegítimos.

Nunca torcemos a verdade e a justiça em favor fosse de quem fosse e d'ahi, unicamente, todo o odio que nos votam e toda a guerra que nos movem.

Pelo que toca á «Vitalidade» e reparar nos documentos que em outro lugar publicamos.

Aquillo é um antro!

Fica inteiramente provado que «Cabecinha» não tinha alli coisa nenhuma. Fica inteiramente provado que o padre Vieira, o que sinceramente lamentamos, podem crer, é; pelo menos, um velhaco.

O argumento de «Cabecinha» e o do padre Vieira é que o sr. dr. Alvaro de Moura não chegou a ficar, materialmente, prejudicado em cinco réis da sua algebeira. Logo, não tem direito algum sobre a «Vitalidade»!

Jurisprudencia canalha, que se harmonisa, admiravelmente, com tudo o mais que temos referido.

Uma empresa, que dava perda, passou a dar lucro nas mãos d'um novo proprietario. Este pagou o emprestimo, que contrahiu para comprar a propriedade, com os lucros da mesma propriedade. Ai, deu lucro? grita o antigo proprietario. Então largue-a, que é minha outra vez.

E pratica esta cinsigne proeza, valendo-se da circumstancia do comprador, fiado na boa fé do vendedor, ter realisado a compra sem as formalidades da lei. E nega-se, abertamente, que tal venda e tal compra se houvessem realisado.

Aquillo é um antro.

Aquillo é uma quadrilha.

E d'aquelle antro é d'aquelle quadrilha se vem servindo o sr. Jayme de Magalhães Lima em connubio revoltante com o sr. Francisco de Castro Mattoso. São de tal quilate os elementos com que o morgado do Carmo e o morgado da Oliveira procuram escravizar o povo da cidade.

Uma vergonha, que não pôde continuar, sem um energico protesto, para honra de nós todos.

Sem um energico protesto e sem mais alguma coisa.

Continuaremos. Continuaremos sempre.

Continuaremos até ficar desfeita e varrida a quadrilha. Não só a quadrilha da «Vitalidade» mas toda a quadrilha dos fraudaceos.

O SR. MATTOSO

Não temos hoje vagar para continuar a conversa com s. ex.ª.

Ficará para domingo.

Mas não queremos deixar de lembrar, de novo, a s. ex.ª, que Cabecinha cada vez demonstra mais que é um rapaz intelligente—bas a ser o auctor da crueldade austera d'um tyranno—merecendo com urgencia, por esse e outros titulos, o emprego promettido.

O vós, sr. Mattoso, o vós, que sois a crueldade austera d'um tyranno, não vos esqueçaes do emprego promettido!

O vós, ó crueldade austera d'um tyranno, ó excellentissimo Mattoso tyranno, que substituíste a Rosa dicta, ó vós que pediste, a Cabecinha, negrolegio (vide Instantaneos—«Vitalidade», 8—9—901) dae ao rapaz intelligente, ao Cabecinha, o emprego almejado!

E até domingo.

«Cabecinha» mandando quer saber as condições da empresa do «Povo de Aveiro». Pois ha de sabe-las no proximo domingo. Não perde com a demora.

FÓRA A MASCARA!

Fóra a mascara!

Os documentos, que se seguem, demonstram cabalmente a mentira soez do «Cabecinha», e a hypocrisia revoltante do padre Vieira.

Ora vejam.

... Sr. redactor do «Povo de Aveiro».

Esgueira, 13 de fevereiro de 1902.

As declarações feitas pelo sr. Accacio Roza no n.º 355 da «Vitalidade», relativas á propriedade do mesmo semanario, impozeram-me logo a obrigação de dar explicações bem publicas e bem claras.

As minhas occupações só hoje me permitem o cumprimento d'este dever que é impreterivel, porque é preciso que se saiba quem está em erro.

O que v. tem dito no seu jornal, relativamente a este assumpto é precisamente o que eu, ha muito, venho dizendo em toda a parte.

Está, portanto, tudo dito, com inteira verdade, mas historiarei resumidamente, muito resumidamente, os acontecimentos para dar ligação ás minhas explicações, apresentando no devido logar as provas.

Em fevereiro de 1899, disse-me o sr. Padre Vieira que o sr. Accacio não queria continuar com o jornal, mas que estava resolvido a vender o material typographico pela quantia em que fosse avaliado por pessoa competente.

Entendia o sr. Padre Vieira que nós deviamos continuar com elle e eu concordei.

Avaliado o material em 150:000 réis, o sr. Accacio accetou, com a condição, por mim imposta, de pagar, no vencimento, com esses 150:000 réis e mais 50:000 réis do seu bolso, uma letra de 200:000 réis de que eu era fiador na Caixa Economica.

Em 12 de março de 1899 entrou o jornal no seu 4.º anno e nós na sua propriedade. Da cabeça do jornal foi retirado o nome do sr. Accacio.

Durante alguns mezes abonei o dinheiro preciso para todas as despesas do jornal e nunca mais o sr. Accacio teve a menor ingerencia na sua administração que confiamos ao typographo sr. José A. da Silva Junior.

Em 18 de julho de 1899 enviou-me o sr. Accacio a carta que se segue:

Sr. dr. Alvaro.

Para satisfazer certos compromissos, preciso do dinheiro que me deve, amanhã, 19 do corrente.

E como disse ao Silva que não quer figurar nas minhas letras, não mais o incomodarei para isso.

Como a letra que foi reformada na Caixa ha trez mazes ainda o foi ha pouco, para não fazer mais despesas inutilmente, além das muitas que tenho feito desde principio em toda esta cançalhada do jornal, chegado o dia do vencimento, ou a pago ou substituo o seu nome.

Mais do que a quantia de que é fiador tenho eu gasto em beneficios politicos com que nada tenho aproveitado, como não poderá ignorar.

O dinheiro deves-o ha entregar ao Silva amanhã, sem falta, porque quero satisfazer certos compromissos.

E creia-me

De V. Ex.ª am.º cr.º mt.º obg.º Aveiro, 18—VII—99.

Accacio Roza.

O dinheiro que me pedia era o da venda, nem eu lhe dei nunca outro.

Respondi da seguinte forma:

Senhor Accacio Roza.

A sua extraordinaria carta de 18 obrigava-me a discursos que eu entendendo não dever proferir.

Realmente o senhor Accacio Roza entende as cousas por um modo bem diverso do verdadeiro e formula os seus ultimatus em termos pouco razoaveis—permitta a expressão que não envolve a offensa.

Eu devo-lhe effectivamente umas dezenas de mil réis pela compra do seu material typographico, mas só me comprometti a dar-lhos para amortisar a letra da caixa de que sou fiador.

O que eu disse ao Silva é apenas uma consequencia do que, com o P.º Vieira, o senhor Accacio Roza combinou, quando fez o contracto de venda. Mais nada.

Eu estou e estarei sempre dentro do contracto, sem intenção, por mais leve que seja, de o melindrar ou desgostar.

Os beneficios politicos a que allude—e já não é a primeira vez—ignoro-os, e não os pedi, se os ha. Sabe perfeitamente que o jornal foi montado sem que para isso eu concorresse sequer com o meu conselho e que na sua administração não tive nunca a menor ingerencia, não podendo ser responsavel portanto pelos prejuizos, se os teve. Assim não percebo que dinheiro tenha gasto em beneficios politicos que me respeitem ou aproveitem.

Resumindo: estou prompto a cumprir o contracto como foi feito com o sr. P.º Vieira, logo que o deseje.

Dos nossos compromissos tenho inteiro conhecimento, e dar-lhe-hei satisfação; dos seus nada sei.

E, terminando, peço-lhe que acredite que não tenho o menor desejo de o desgostar ou melindrar, que tive e tenho por si muita consideração e verdadeira estima, sentindo não poder merecer-lhe sentimento igual e que, se assim procedo, é isso unicamente porque sigo uma norma que me impuz e de que não posso nem devo afastar-me.

E creia-me

De V. Ex.ª am.º obgri.º—A.

São dois documentos claros que dispensam comentarios.

Seria escusado dizer que não tive resposta e que, no vencimento, que teve logar pouco depois, fizemos na Caixa a operação combinada.

Não tenho aqui as datas, mas é facilimo obtelas, se fossem necessarias. En' o sr. Padre Vieira levantámos os 150:000 réis que foram pagos.—se bem me recordeo em duas prestações, e muito antes de eu abandonar a redacção,—com os rendimentos da empresa.

Estes são os factos essenciaes, mas para os esclarecer melhor enviarei ainda duas cartas que me foram dirigidas. Uma do typographo e administrador José A. da Silva Junior que desejava apoderar-se da propriedade do jornal:

Sr. Doutor:

Só hoje é que soube pelo senhor Accacio Roza da convalidação que o senhor Doutor fez com o senhor P.º Vieira a respeito da typographia da Vitalidade e dos lucros da mesma. E' extraordinario! Disseram-me quando o senhor Accacio Roza deixou o jornal que continuavam com elle por terem pena de mim e para eu não ficar sem trabalho. Que não queriam senão que elle se sustentasse. E agora que eu consegui apezar de muito trabalho e de immensos pedidos não só pagar a officina mas tambem que o jornal dê algum lucro já os senhores não só não querem passar-me a officina mas ainda pretendem compartilhar dos lucros do jornal! Pelo que vejo já não sirvo senão para testa de ferro. Porque motivo é que os senhores não querem que o senhor Accacio passe isto legalmente para o meu nome? Não merecerei eu isso? Parece-me que nem o senhor Doutor nem o senhor P.º Vieira precisam de alguns reaes de lucro que dê o jornal e que não representam senão o meu trabalho, o meu suor. Convença-se o senhor Doutor e o senhor P.º Vieira que se não fosse eu trabalhar como tenho trabalhado nem o jornal dava lucro algum nem os senhores pagariam nunca, a não ser do seu bolso,

a typographia. Fiquem os senhores scientes que eu não quero senão a officina e os lucros e perdas do jornal.

A Vitalidade continua a ser dos senhores como tem sido até aqui. Com isso nada tenho nem nada quero ter.

O senhor P.º Vieira disse ao senhor Accacio que não era bom que se passasse isto para o meu nome porque d'hoje para amanhã podia mandal-os pôr fóra da casa dizendo que isto era meu! E' unico! Isto é uma desculpa mas uma desculpa muito fóra de gosto. Pois se eu procedesse de tal maneira, o que era uma velhaquice, o que seria então de mim? Que importancia tenho eu para sustentar o jornal sem o auxilio dos senhores? Felizmente sei reconhecer bem as cousas. Porque será que o senhor P.º Vieira n'um celebre dia em que eu lhe expuz tudo isto (mas ainda a typographia não estava paga) me disse que era de justiça que eu fosse attendido, que da parte d'elle que estava bem, que fallasse eu com o senhor Doutor que decerto tambem annua—e agora é o principal algoz contra mim? Que mal fiz eu a esse homem para elle andar a cavar a minha desgraça? Elle tem razão porque quer dar de comer aos filhos e não tem.

Sempre cuidei—e com essa fé tenho trabalhado—que tinha aqui o meu futuro, o meu ganha pão, mas pelo que vejo ei-de ter mas é a minha desgraça. Sim, a minha desgraça porque d'aqui não sae o—dê lá por onde der. Isto para mim é uma questão de vida ou de morte. Lembre-se o senhor doutor e o sr. P.º Vieira que não me fazem nenhuma concessão que lhes tenha custado dinheiro. Isto que eu desejo não é senão um acto de justiça. Tomaram muitos homens politicos e jornalistas terem uma gazeta n'estas condições. Não me faltem com a sua protecção e deixem-me cá com a viola.

Senhor Doutor:—O meu futuro está nas mãos de V. Ex.ª—Queira resolver isto quanto antes porque as sim não posso continuar.

Peço-lhe me desculpe esta massada e ponha de parte as asneiras que esta carta conterá—porque estou com a cabeça d'uma maneira tal que até me foge a vista.

Aveiro, 3—7—900.

Creado de V. Ex.ª—José da Silva.

(Reconheço a letra e assignatura d'esta carta). Aveiro, vinte e um de Janeiro de mil novecentos e dois.

Em testemunho de veracidade.

(Logar de sello)

Manuel Cação Gaspar.

Ontra do sr. Padre Vieira, muito longa, que se refere a esse assumpto e na qual é completamente esclarecida a questão de propriedade, me foi enviado o seguinte:

D'esta ultima basta que sejam publicados estes periodos:

«Amigo Doutor.—Sabe porque não tenho ido á redacção? Na quarta-feira da outra semana, anterior á passada, o Accacio veio dizer-me, a pedido do Silva, que fallasse eu consigo para ver se combinava em passar-lhe a propriedade do jornal. Eu disse ao Accacio: a propriedade? Home'isso será muito. O Silva deve dar-se por satisfeito com o seu ordenado, e mais uma percentagem sobre os lucros liquidos,—percentagem para que póde estabelecer-se um maximo e um minimo. Os lucros liquidos devem entrar na Caixa Economica Portuguesa, ou na Caixa Economica de Aveiro para o caso d'uma falha de assignaturas.

—Mas eu fallo ao sr. dr. e depois veremos.»

—Outro:—

«Hoje o Accacio proctrou-me de novo a instancias do Silva, dizendo que este todos os dias lhe mandava bilhetes pedindo que me viesse fallar para decidir o casus belli. Accrescentava que lavava as mãos—que dissesse eu o que queria que lhe transmittisse.»

Respondi:—«Ainda não fallei com o sr. dr., mas a minha opinião é a mesma etc.»

—Outro:—

«Chego a casa depois do conselho e encontro a carta inclusa do Silva. Mando-lha para ler ao deitar da cama; e amanhã, se tiver pa' horra para isso, vá fallar com elle e diga o que entender. Consigo concordo com tudo, o que não estou é para me massar.

Enfim resolva o ultimatum, etc.»

Ficrei por aqui. Isto basta, creio eu, para desfazer equivoocos.

As cartas entregou-as á sua guarda para as mostrar a quem as desejar ver.

Creia-me com a maior consideração

De V., etc.

Alvaro de Moura Coutinho d'Almeida d'Eq.

Como veem os leitores, não ha duvida nenhuma sobre a venda da «Vitalidade», feita por «Cabecinha», ao sr. dr. Alvaro de Moura e padre Vieira.

Di-lo o sr. dr. Alvaro de Moura e prova-o de sobejo. Nem a carta do «Cabecinha», nem a do typographo José da Silva, nem, principalmente, os periodos transcriptos da carta do padre Vieira, deixam a menor duvida a tal respeito.

Contudo, padre Vieira dizia ao sr. Homem Christo que a «Vitalidade» era do «Cabecinha» e «Cabecinha» arrugantemente o confirmou em publico, levando a desvergonha até ao ponto d'invoacar o nome do sr. dr. Alvaro de Moura.

Onde os viram mais canalhas? Do fóra que ao mesmo tempo que era expoliado o sr. dr. Alvaro de Moura, ao mesmo tempo que era atacado, como presidente da Camara Municipal d'Aveiro, no proprio periodico de que era um dos dois proprietarios, tentava o padre Vieira, para se pôr acoberto das iras justicadissimas do sr. Homem Christo, ludibriar este nosso amigo.

Repetimos: onde os viram mais canalhas?

Um padre!

A que leva o habito!

Que precisão tinha o padre Vieira de recorrer a taes expedientes? Quem lhe pedia satisfações? Quem lh'as mandou dar ao sr. Homem Christo?

Sendo elle o proprietario do jornal, o unico proprietario depois da expolição feita ao sr. dr. Alvaro de Moura, o seu redactor e dirigente, tinha o plenissimo direito e o rigorosissimo dever d'impedir que um garoto arremessasse pedradas, quanto mais injurias, a um homem da cathgoria do sr. Homem Christo e com quem, de mais a mais, elle, padre, estava em boas relações. Mas se o não queria fazer, assumisse corajosamente a responsabilidade dos seus actos.

Mentir ao sr. Homem Christo, fazer a triste figurinha de fingir que abandonava o jornal, entregando-o nas mãos d'um miseravel que não tinha sobre elle direitos alguns, expoliando o dr. Alvaro e ludibriando o capitão Homem Christo, é d'aquellas velhaearias agorotas-las que tornam um homem indigno, para sempre, de conviver com gente de bem.

Que canalhas!

Que canalhas que existem n'c ta terra!

Os leitores de fóra d'Aveiro, que seguem esta denuncia, estão pasmados. E para honra d'esta terra é necessario que os seus habitantes dignos e honestos, que são muitos, ponham cobro, definitivamente, a biltrarias de tal ordem, para o que basta correr a pontapés os traficantes que estamos definindo.

Para desfazer equivoocos.

Jayme de Magalhães Lima teve toda a responsabilidade nas infamias de «Cabecinha».

«Cabecinha» não publicou o primeiro artigo sem receber a sanção de Jayme de Magalhães Lima, a quem «Cabecinha» foi ler o original.

Jayme de Magalhães Lima, com a hypocrisia de dizer não se «metta com elle», mais incitou do que reprimiu «Cabecinha», quando se Jayme de Magalhães Lima, desde que a leitura do original equivalia a uma consulta, honradamente tem dito a «Cabecinha» que as insinuações infamantes do artigo representavam uma torpeza, «Cabecinha», não ha duvida nenhuma, cortaria desde logo essas infamias.

Jayme de Magalhães Lima é tal como os outros, digam os seus amigos, para o livrar d'entalações, aquillo que quizerem e que servirá para os tolos e não para quem vir um palmo adiante do nariz.

As sympathias DO sr. Homem Christo

O Povo de Aveiro constitue um subsidio preciosissimo, não só para a historia da localidade

como para a historia contemporanea do paiz. Assim o tem affirmado, particular e publicamente, varios homens eminentes, monarchicos e republicanos, entre estes o proprio dr. Theophilo Braga, que nunca morreu d'amo- res por nós. Assim o tem affirmado, quer em jornaes e comi- cios, quer em documentos valio- sos que conservamos em nosso poder.

D: todos os periodicos de provin- cia, é o unico que tem tomado caracter nacional. Tirando os de Lisboa e Porto, nenhum outro exerceu nunca nas questões ge- raes o papel saliente que o *Povo de Aveiro*, tantas vezes, tem exer- cido. Ainda hontem, na questão clerical!

Bastaria isto para que Aveiro lhe fosse agradecida.

Mas, sendo um periodico de caracter nacional, honrando a sua terra pela maneira levantada por- que entra em todas as questões de interesse geral, merecendo, por isso, ser distinguido, como tantas vezes o tem sido, nunca deixou de ser, ao mesmo tempo, um periodico de caracter local. Pugando sempre pela justiça e pela moralidade em geral, nunca deixou de pugnar pela justiça e pela moralidade da sua terra, em particular.

*Cabecinha* faz cavallo de bata- lha da circumstancia do sr. Ho- mem Christo, que tem sido o au- ctor de todos os artigos notaveis sobre interesses locais, haver es- crito, um dia, que juntassem uma ferradura ás armas d'Aveiro. Uma ferradura e um corno. Diga tudo. Já que diz uma coisa, diga a outra.

Uma ferradura e um corno. Assim é que foi. Não ha duvida. O sr. Homem Christo escreveu isso. Não ha duvida nenhuma.

Mas, porque o escreveu?

Porque lhe diziam, então co- mo hoje, que não tinha *sympa- thias* em Aveiro, que na sua terra só lhe votavam odio e rancor.

Para quem são então as *sympa- thias* aveirenses? Para os des- honestos e pulhas? Para as ca- valaduras e cretinos da laia do *Cabecinha*, do dr. Moliço, do dr. Joaquim de Mello Freitas que es- tá muito bem ao lado d'elles?

São para esses? D'esses se or- gulham os aveirenses? Então põ- nam uma ferradura nas armas d'Aveiro. Vamos. Sejam coheren- tes e logicos. Consagrem a imbe- cillidade d'uma vez para sempre.

Assim o dizia o sr. Homem Christo, n'essa hypothese. Na mes- ma hypothese affirmava, n'outro dia, que não queria as *sympathias* d'Aveiro. Se Aveiro só consagra os imbecis e os pulhas, não pôde consagrar o sr. Homem Christo, de fôrma nenhuma.

Dizendo-o, o sr. Homem Chris- to não offende a sua terra; mora- lisa-a. Não a offende, porque o povo, que constitue a grande maio- ria, está completamente fóra d'es- sas referencias.

Moralisa-a, porque o povo, que faz opinião, não pôde deixar de concordar, como sempre concor- dou, que o sr. Homem Christo tem carradas de razão. Quem lhe nega as *sympathias*? São os man- dões? Mas quem são os mandões? São os tratantes e os pulhas, que temos descripto tantas vezes? São os cretinos, que vimos analysan- do ha vinte annos? São esses que tem as *sympathias*, como elles apregôam? Sim, ou não. Se não, o povo tem o dever de se correr a pontapés. Em caso affirmativo, então Aveiro que consagre sole- nemente a sua estupidéz e a sua infamia. Então o sr. Homem Christo tem todo o direito a dizer que repelle, abertamente, a gente da cidade. E' logico, é verdadei- ro, é justo.

O sr. Homem Christo, como já n'outro dia dissémos, não é, nunca foi, nunca ha de ser um adulator. Não adula ninguem, nem o povo. Fala sempre a lin- guagem da verdade. Quando o povo tem ridiculos, combate-os. Quando o povo se esquece da sua allivez, a altivez que só lhe pôde

vir da honestidade, da liberdade, do trabalho, lembra-l'ha. Faz tudo isso ao mesmo tempo que está sempre na brechia pelas franquias e pelas regalias populares. Faz tudo isso ao mesmo tempo que defende por todas as fórnas o progresso e a civilização. Faz tu- do isso porque trabalha desinte- ressadamente, sem objectivo de eleições e de partido. Se não quer votos, se não aspira a ser man- dão, não precisa de ludibriar e de mentir. Diz a verdade, só a verdade, porque com ella morali- sa e nobilita, ou gostem ou não gostem de a ouvir.

O sr. Homem Christo não tem *sympathias* em Aveiro? Quem o diz? A *Vitalidade*, orgão dos re- generadores que hoje fazem par- te do grupo francaceo? O *Cabeci- nha*, a soldo dos mesmos regene- radores? Pois a *Vitalidade*, pois o *Cabecinha* só prova a propria infamia e a d'aquelles que o man- dam.

Em carta datada de 26 de ou- tubro de 1888, dizia *Carranca* para o sr. Homem Christo:

«Eu não quero pôr o amigo e os seus partidarios ao servi- ço dos regeneradores, nem es- tes ao serviço d'aquelles. Hou- ve um combate em que os dois se encontraram, ambos se ba- teram pelo mesmo principio e ambos coocorreram para a vi- ctoria. Ninguem nega a parte que cada um tomou na lucta, nem a gloria que d'ahi lhe re- sultou. Não se foram-se Manuel Firmino e de pernas ao ar.»

**O amigo teve o prin- cipal papel e todos o reconhecerem.** As irmãs da caridade foram-se e Manuel Firmino vac de pernas ao ar.»

N'esta carta pretende *Carran- ca* manter o sr. Homem Christo em disposições benevolentes para com os regeneradores, que co- meçavam a fazer asneiras, como sempre.

Na carta seguinte, *Carranca* obdece a um impeto mais enérgico de justiça e exclama:

«Não tenho agora tempo para lhe dar informações deta- lhadas, mas dir-lhe hei que os dirigentes que se dizem rege- neradores, não tendo fei- to coisa alguma para chegarem á situação em que o amigo os collocou, já pensam em pre- dominar na politica do distri- cto, quando a situação mudar, e começam a desdenhar dos homens que nos outros concel- hos se tem sacrificado e tra- balhado. Veja que choldra. Pa- rece-me que haverá muito que fazer e dizer, então.»

Como os leitores veem, o sr. Homem Christo **teve o prin- cipal papel na questão das irmãs da caridade e da queda de Manuel Firmino.** Assim o dizia, não qualquer *Cabecinha*, mas o ho- mem que os mesmos regene- radores achavam n'outro dia o mais competente para presidir á camara municipal de Aveiro.

Os dirigentes regeneradores, ainda seguindo as palavras aucto- risadissimas do homem que este- ve para ser presidente do munic- ipio aveirense, **não tendo fei- to coisa alguma para chega- rem á situação** (e esta é a gran- dissima verdade) **em que o sr. Homem Christo os collocou**, mandam hoje dizer ao mesmo sr. Homem Christo, por um *Cabeci- nha*, um trampolheiro, um pelin- tra, um idiota, que o sr. Homem Christo nada vale, que nunca in- fluiu em coisa nenhuma em Avei- ro, que Aveiro só lhe vota odio e desprezo.

Os saltadores! A corja, a *choldra*, que ainda não estava bem segura do triumpho e já pro- curava indispor, como sempre, as terras do districto contra a ci- dade, pensando em predominar na politica do mesmo districto, desden- nhando dos homens que nos outros concelhos se tinham sacrificado e trabalhado.

A *choldra*! E para ouvir estas verdades esmagadoras, que os deixam, deante do publico, que nos lê, n'uma situação deploravel, an- la um idiota, um cretino sem par, a escrever alvarmente, ha uns poucos de domingos, n'uma in- consciencia absoluta, que o sr. Homem Christo *anda a chorar* a sua falta de *sympathias* na ci- dade!

E pisa e repisa, o idiota! Pi- sa e repisa, muito contente, n'aquella alegria caracteristica de todos os imbecis, tendo-se che- gado a convencer, como toda a *choldra*, de que o sr. Homem Christo ficaria, emfim, d'esta vez, aniquilado!

A *choldra*, como disse o *Carranca*, tão expressivamente!

Por hoje, ficamos n'isto:

Quem são os que votam odio

ou desprezo ao sr. Homem Christo?

Quem são os que affirmam

que elle nada vale e nada fez?

São os miseraveis que concor- davam, como domingo passado já vimos pela propria *Vitalidade* e como vamos hoje no testemu- nho insuspeito de *Carranca*, em que na questão das irmãs da caridade e da queda de Manuel Fir- mino, o sr. Homem Christo *teve o principal papel*?

São os pelintras que *nada fi- zeram para chegarem á situação em que o sr. Homem Christo os collocou*?

São esses?

Está d'accordo com elles a ci- dade?

Não está. Felizmente não está. Mas, se está, venha a ferradura, venha o corno, symbolo de igno- minia, para as armas da cidade.

Venha, quanto antes.

E voltaremos a este assumpto, que temos ainda muito e muito que dizer.

## SAPATARIA REIS

R. DOMINGOS CARRANCHO (A'S CINCO RUAS) AVEIRO

O proprietario d'esta acredi- tada sapataria, José Almeida dos Reis, participa aos seus estima- veis freguezes que mudou o seu estabelecimento da Costeira para a sua casa da rua Domingos Car- rancho, onde lhe deu uma instal- lação mais apropriada.

Como sempre, o seu empenho é bem servir todos os que procu- ram a sua casa e, para isso, ao mesmo tempo que se encarrega de todas as encomendas por me- ida, tem á venda um grande sortimento de calçado fino para homem, senhora e creanças.

Todos os que conhecem as obras que sahem da sua casa, sa- bem que ellas se recommendam pela perfeição de corte, excellen- te acabamento e incomparavel modicidade de preços.

O proprietario agradece des- de já a visita com que o publico se dignar honrar o seu novo es- tabelecimento.

CONSULTORIO DENTARIO DE THEOPHILO REIS  
Cirurgião-dentista pela Universidade de Coimbra  
Extrahe, obtura, colloca dentes e encarrega-se do concerto de dentaduras  
R. DIREITA, 58, 1.º Aveiro

# PARÁ E MANAUS

**Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos e mais portos do Brazil,** passagens em 1.ª, 2.ª e 3.ª classe, em todas as companhias de paquetes, a preços reduzidos. Vapores a sair de Leixões e Lisboa.

As passagens tomadas n'esta agencia gosnu de todas as regalias e abatimentos concedidos pelas companhias ao srs. passa- geiros; tambem se sollicitam passaportes e trata-se de obter no Porto e nas provincias todos os documentos necessarios para os mesmos.

**ABEL, PAULO & PEREIRA**  
82, PRAÇA DA BATALHA, 83  
(EM FRENTE AO GOVERNO CIVIL)

PORTO  
ARMAZENS  
DA

## BEIRA-MAR

DE  
**MANUEL GONÇALVES MOREIRA**

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22  
R. DOS MERCADORES, 1 A 5  
AVEIRO

D'aqui levarás tudo tão sobejo  
(Luz. Cam.)

VENDAS SO A DINHEIRO

Preços fixos

CONFECCOES:

Fazendas de novidade de lã, li- nho, seda e algodão.  
Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de es- criptorio. Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.  
Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bor- dados, rum e vinho (qualidade garantida).  
Unico deposito dos vinhos espmosos da Associação Vinico- la da Bairrada.  
Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bicyclettes **Clement** e machinas de costura **Memoria**, bem como todos os accessorios para as mesmas.  
Louças de porcelana, quinquilharias, bijonterias, perfumarias (importação directa).  
Flôres artificiaes e corôas funerarias.  
Ampliações photographicas. Encadernações.  
**N. B. — Não se aviam encomendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.**

# MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construi- das machinas tem alcança- do em todas as exposições.

AVEIRO  
75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79